

# EDUCAÇÃO LÚDICA E INCLUSÃO SOCIAL: RELATO DE UMA AÇÃO DE CONSCIENTIZAÇÃO SOBRE DEFICIÊNCIA FÍSICA EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA

*LUDIC EDUCATION AND SOCIAL INCLUSION: REPORT OF A PHYSICAL DISABILITY AWARENESS INITIATIVE AT A PUBLIC UNIVERSITY*

*EDUCACIÓN LÚDICA E INCLUSIÓN SOCIAL: RELATO DE UNA ACCIÓN DE CONCIERTIZACIÓN SOBRE DISCAPACIDAD FÍSICA EN UNA UNIVERSIDAD PÚBLICA*

Sávio Silvestre Vieira Pereira<sup>1</sup>  
Nicolle Martins Silva<sup>2</sup>  
Maria Eduarda Andrade Marques<sup>3</sup>  
Marcelo Ferreira Amaral Júnior<sup>4</sup>  
Sophia Aguiar Braúna Lima<sup>5</sup>  
Franciele Basso Fernandes Silva<sup>6</sup>

DOI: 10.29327/revista-interdisciplinar-extensao-cultura-caetana.1438523

## Resumo

As Instituições de Ensino Superior (IES) enfrentam continuamente o desafio de efetivar a inclusão, buscando metodologias que transponham barreiras arquitetônicas e atitudinais no ambiente acadêmico. Este trabalho descreve o planejamento e a execução de uma intervenção extensionista em uma IES do nordeste, fundamentada no Modelo Social da Deficiência e na Aprendizagem Experiencial. A ação estruturou-se em um circuito de diagnóstico visual, simulações de limitações motoras e debriefing, visando a sensibilização da comunidade acadêmica. A dinâmica permitiu observar, de forma qualitativa, o engajamento dos envolvidos na compreensão das barreiras físicas e sociais enfrentadas por pessoas com deficiência. Durante as reflexões finais, notou-se que a vivência prática, especialmente nas simulações de mobilidade, estimulou debates críticos sobre a necessidade de reduzir suposições capacitistas e observar as necessidades individuais. Conclui-se, sob a ótica dos organizadores, que intervenções vivenciais são ferramentas pedagógicas potentes para fomentar atitudes inclusivas e fortalecer a formação cidadã universitária.

**Palavras-chave:** Pessoas com Deficiência; Inclusão Social; Conscientização; Treinamento por Simulação; Acessibilidade Arquitetônica.

1 Universidade Federal do Delta do Parnaíba, Parnaíba, PI, Brasil. Acadêmico de Medicina, e-mail: saviosilvestre@ufdpar.edu.br

2 Universidade Federal do Delta do Parnaíba, Parnaíba, PI, Brasil. Acadêmico de Medicina, e-mail: nicollemartins@ufdpar.edu.br

3 Universidade Federal do Delta do Parnaíba, Parnaíba, PI, Brasil. Acadêmico de Medicina, e-mail: meduardandrade@ufdpar.edu.br

4 Universidade Federal do Delta do Parnaíba, Parnaíba, PI, Brasil. Acadêmico de Medicina, e-mail: marcelofamaraljr@ufdpar.edu.br

5 Universidade Federal do Delta do Parnaíba, Parnaíba, PI, Brasil. Acadêmico de Medicina, e-mail: brauna00@gmail.com

6 Universidade Federal do Delta do Parnaíba, Parnaíba, PI, Brasil. Doutora em Patologia, e-mail: francielebasso@ufdpar.edu.br



## Abstract

Higher Education Institutions (HEIs) continuously face the challenge of implementing inclusion, seeking methodologies to overcome architectural and attitudinal barriers in the academic environment. This paper describes the planning and execution of an extension intervention at a Northeastern HEI, grounded in the Social Model of Disability and Experiential Learning. The action was structured as a circuit of visual diagnosis, simulations of motor limitations, and debriefing, aiming to sensitize the academic community. The dynamic allowed for the qualitative observation of engagement regarding the physical and social barriers faced by people with disabilities. During final reflections, it was noted that the practical experience, particularly mobility simulations, stimulated critical debates on the need to reduce ableist assumptions and observe individual needs. It is concluded, from the organizers' perspective, that experiential interventions are potent pedagogical tools to foster inclusive attitudes and strengthen university citizenship education.

**Keywords:** Persons with Disabilities; Social Inclusion; Awareness; Simulation Training; Architectural Accessibility.

## Resumen

Las Instituciones de Educación Superior (IES) enfrentan continuamente el desafío de hacer efectiva la inclusión, buscando metodologías que superen las barreras arquitectónicas y actitudinales en el entorno académico. Este trabajo describe la planificación y ejecución de una intervención extensionista en una IES del noreste, fundamentada en el Modelo Social de la Discapacidad y el Aprendizaje Experiential. La acción se estructuró en un circuito de diagnóstico visual, simulaciones de limitaciones motoras y debriefing, con el objetivo de sensibilizar a la comunidad académica. La dinámica permitió observar, de forma cualitativa, el compromiso de los involucrados en la comprensión de las barreras físicas y sociales que enfrentan las personas con discapacidad. Durante las reflexiones finales, se notó que la vivencia práctica, especialmente en las simulaciones de movilidad, estimuló debates críticos sobre la necesidad de reducir suposiciones capacitistas y observar las necesidades individuales. Se concluye, bajo la óptica de los organizadores, que las intervenciones vivenciales son herramientas pedagógicas potentes para fomentar actitudes inclusivas y fortalecer la formación ciudadana universitaria.

**Palabras clave:** Personas con Discapacidad; Inclusión Social; Concienciación; Entrenamiento Simulado; Accesibilidad Arquitectónica.

## INTRODUÇÃO

A inclusão de Pessoas com Deficiência (PcD) no ensino superior permanece como um desafio estrutural e cultural no Brasil, especialmente pela persistência de barreiras arquitetônicas, comunicacionais e, sobretudo, atitudinais. De acordo com o Censo Demográfico 2022 (IBGE), o Brasil conta com 14,4 milhões de pessoas com deficiência, o equivalente a 7,3% da população. Apesar de sua expressiva representatividade, os dados revelam profunda desigualdade educacional: apenas 7,4% das pessoas com deficiência concluíram o ensino superior, em comparação com 19,5% das pessoas sem deficiência (IBGE, 2025). Embora a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) estabeleça diretrizes claras para garantir igualdade de oportunidades (BRASIL, 2015), estudos apontam que a efetivação desses direitos ainda é prejudicada por práticas institucionais pouco sensíveis às necessidades dessa população e por percepções sociais marcadas pelo capacitismo (MARQUES, 2025; DINIZ, 2007).

Nas universidades, tais barreiras impactam diretamente a permanência estudantil, a autonomia e o acesso a espaços de convivência e aprendizagem. A literatura evidencia que ações de sensibilização com base no contato direto, em atividades vivenciais e no aprendizado experiencial produzem mudanças significativas de atitude e favorecem a construção de ambientes inclusivos (KOLB, 1984; MARTINS et al., 2020). Assim, iniciativas educativas que aproximem a comunidade acadêmica das experiências cotidianas de PcD tornam-se fundamentais para desconstruir preconceitos e ampliar a compreensão sobre acessibilidade e direitos humanos.

Neste contexto, surgiu o projeto “Educação Lúdica e Inclusão Social”, desenvolvido em uma IES pública brasileira, com o objetivo de promover conscientização, estimular a empatia e favorecer o reconhecimento das barreiras enfrentadas por pessoas com deficiência física. Este relato descreve a experiência vivenciada, suas etapas metodológicas e os aprendizados gerados a partir da participação de discentes, servidores e demais membros da comunidade universitária.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DA INTERVENÇÃO

A intervenção fundamenta-se no Modelo Social da Deficiência (DINIZ, 2007; OLIVER, 1990), rompendo com a lógica médico-individual ao compreender a deficiência como uma experiência política e socialmente construída. Desloca-se, assim, o foco do corpo biológico para as barreiras impostas pela estrutura coletiva. Tal perspectiva é essencial para reconhecer a inacessibilidade como produto de decisões institucionais, conforme sintetiza Diniz (2007, p. 16): “A deficiência não é a incapacidade do corpo, mas a incapacidade da sociedade de incluir todos os corpos”.

A intervenção articula a avaliação diagnóstica, pautada na análise visual crítica (ROSE, 2016), e o Aprendizado Experiencial, norteado pelo postulado de que “a aprendizagem é o processo pelo qual o conhecimento é criado através da transformação da experiência” (KOLB, 1984, p. 38). A aplicação prática ocorre via simulação de limitações motoras, estratégia que confronta a inacessibilidade para romper o viés de normalidade e catalisar a mudança cognitiva (MARTINS et al., 2020).

O êxito do Experiential Learning reside não na simulação, mas no Debriefing Sistematizado (LEDERMAN, 1992; SCHÖN, 1983), elo que transmuta a experiência concreta em conhecimento via Reflexão na Ação e sobre a Ação (SCHÖN, 1983). Mediante análise guiada, as vivências são conectadas ao Modelo Social da Deficiência, convertendo a subjetividade do participante em compreensão crítica e aplicável da inacessibilidade.

Por fim, a intervenção converge para a Acessibilidade Atitudinal (GARONA; FERREIRA, 2025), fomentando a comunicação não capacitista e práticas acolhedoras. O registro visual (ROSE, 2016) instrumentaliza a formação sobre direitos e responsabilidades, visando capacitar agentes multiplicadores aptos a identificar barreiras e consolidar uma cultura universitária socialmente inclusiva e comprometida.

### DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A intervenção educativa, intitulada “Educação Lúdica e Inclusão Social”, foi realizada no dia 25 de novembro de 2025, em uma IES pública brasileira. A atividade ocorreu entre 12h00 e 13h10, horário selecionado estrategicamente devido ao alto fluxo de discentes e servidores nas proximidades de seu Restaurante Universitário.

### DELINEAMENTO E JUSTIFICATIVA METODOLÓGICA

Optou-se pelo formato de circuito progressivo, fundamentado na Teoria da Aprendizagem Experiential de Kolb (1984). A escolha por este formato visou transpor o participante da posição de observador para a de sujeito da experiência, guiando-o por estágios cognitivos que culminam na reflexão crítica sobre a acessibilidade. A literatura aponta que intervenções baseadas em vivência e contato direto são estratégias superiores a métodos puramente teóricos para a redução de atitudes preconceituosas (MARTINS et al., 2020).

A execução foi conduzida por uma equipe de nove acadêmicos, cuja mediação foi essencial para garantir o caráter pedagógico da ação. As estações de simulação foram desenhadas não apenas para mimetizar limitações, mas para evidenciar as barreiras ambientais, em consonância com o Modelo Social da Deficiência (DINIZ, 2007), que localiza a deficiência na restrição de participação imposta pelo meio e não apenas no corpo. As estações compreenderam:

1. Mobilidade (Membros Inferiores): Uso de muletas em percursos irregulares do campus, justificando-se pela necessidade de evidenciar as barreiras arquitetônicas de solo existentes na instituição.
2. Destreza Fina: Uso de luvas reforçadas, simulando a redução da sensibilidade tátil e dificuldades em atividades manuais acadêmicas.
3. Membros Superiores: Imobilização de um membro, desafiando a autonomia e desconstruindo a percepção de normalidade funcional.

### PARTICIPANTES E ASPECTOS ÉTICOS

A seleção dos participantes ocorreu por conveniência, através de abordagem ativa aos transeuntes. Foram adotados como critérios de inclusão: ser membro da comunidade acadêmica (discente, docente, técnico ou colaborador terceirizado) e ter idade igual ou

superior a 18 anos. Como critérios de exclusão, considerou-se a recusa em participar de qualquer etapa do circuito ou a manifestação de desconforto físico prévio que pudesse ser agravado pela simulação motora.

Por tratar-se de uma atividade de extensão de caráter estritamente educativo e pedagógico, visando a formação cidadã e não a investigação clínica, o projeto enquadrar-se nas exceções de registro no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), conforme Artigo 1º da Resolução CNS nº 510/2016. Não obstante, prezou-se pelos preceitos éticos fundamentais: todos os participantes foram informados sobre os objetivos da ação e forneceram assentimento livre e esclarecido verbalmente antes do início do circuito.

### PREPARAÇÃO E DESAFIOS LOGÍSTICOS

A fase de planejamento impôs à equipe o desafio de conciliar a logística com a limitação orçamentária, gerando uma preocupação inicial quanto à viabilidade das atividades lúdicas que dependiam de materiais específicos (luvas e muletas). Para superar essa barreira, a estratégia adotada mesclou investimento próprio e articulação interpessoal. A aquisição das luvas mostrou-se logisticamente simples e acessível em comércio local; contudo, a obtenção das muletas exigiu mobilização da rede de contatos dos discentes, sendo resolvida mediante a disponibilidade solidária de terceiros, o que evidenciou a importância do apoio externo para a concretização da intervenção. Em contraste com essa tensão logística, a incorporação de recursos tecnológicos (celulares e tablets) fluiu com naturalidade, uma vez que estes dispositivos já integravam o cotidiano acadêmico dos organizadores, facilitando tanto a execução das estações quanto o registro documental da experiência.

### RESULTADOS E APRENDIZADOS

A vivência proporcionada pela intervenção “Educação Lúdica e Inclusão Social” permitiu à equipe executora observar, de forma sistemática, diferentes reações, comportamentos e dificuldades apresentadas durante a realização do circuito lúdico-educativo. As observações realizadas ao longo da ação evidenciaram que a experiência prática favoreceu a problematização das barreiras arquitetônicas e atitudinais presentes no ambiente universitário, bem como estimulou reflexões críticas acerca da acessibilidade e da inclusão de pessoas com deficiência física.

Durante a execução das estações, a equipe observou que a participação ativa no circuito contribuiu para ampliar a atenção dos envolvidos em relação às limitações impostas pelo espaço físico e pela organização do campus. Notou-se que, ao serem expostos às simulações, os participantes demonstraram maior cautela na execução das tarefas e passaram a reconhecer obstáculos anteriormente naturalizados no cotidiano acadêmico, como irregularidades no solo, ausência de trajetos acessíveis e dificuldades relacionadas à mobilidade e à autonomia funcional.

### OBSERVAÇÕES SOBRE A COMPREENSÃO DOS DESAFIOS DA DEFICIÊNCIA

A partir do acompanhamento direto da ação, a equipe identificou indícios de ampliação da compreensão sobre os desafios enfrentados por pessoas com deficiência física. Essa percepção foi evidenciada durante os momentos de interação informal e, sobretudo, no debriefing final, quando os participantes passaram a relacionar a experiência

vivenciada com situações concretas do ambiente universitário. Observou-se que a vivência prática favoreceu a transição de uma compreensão abstrata da deficiência para uma percepção mais concreta das barreiras físicas e sociais, alinhando-se aos pressupostos do Aprendizado Experiencial, no qual a experiência direta atua como catalisadora da reflexão crítica (KOLB, 1984).

### LIMITAÇÕES OBSERVADAS COMO MAIS DESAFIADORAS

Entre as estações do circuito, a simulação de mobilidade com uso de muletas mostrou-se, sob a ótica da equipe executora, a atividade que demandou maior esforço de adaptação por parte dos participantes. Durante essa etapa, foram observadas dificuldades relacionadas ao deslocamento em superfícies irregulares e à necessidade de maior coordenação e equilíbrio, o que evidenciou, de forma prática, a relevância das barreiras arquitetônicas na restrição da autonomia.

As simulações que envolveram redução da destreza manual e imobilização de membros superiores também revelaram obstáculos importantes, especialmente em tarefas simples do cotidiano acadêmico, reforçando a compreensão de que limitações funcionais tornam-se mais impactantes quando associadas a ambientes pouco adaptados.

### APRENDIZADOS RELACIONADOS ÀS ATITUDES INCLUSIVA

No decorrer da ação e das reflexões finais, a equipe observou sinais de sensibilização quanto à necessidade de atitudes mais cuidadosas e menos baseadas em pressupostos capacitistas. Destacou-se a valorização da observação das necessidades individuais e o reconhecimento da importância de respeitar a autonomia da pessoa com deficiência, evitando intervenções não solicitadas.

Além disso, foi possível perceber uma maior disposição dos participantes em identificar criticamente situações de inacessibilidade no espaço institucional, indicando que a experiência extrapolou o nível individual e estimulou uma postura mais ativa diante das questões de inclusão e acessibilidade.

Em suma, os aprendizados observados corroboram a literatura que aponta intervenções vivenciais e atividades de simulação como estratégias eficazes para fomentar mudanças atitudinais e ampliar a consciência social sobre a deficiência (MARTINS et al., 2020). Ainda que não se trate de um estudo avaliativo formal, as observações realizadas pela equipe sugerem que a experiência contribuiu para o desenvolvimento de uma percepção mais sensível, crítica e alinhada ao Modelo Social da Deficiência (DINIZ, 2007).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ação “Educação Lúdica e Inclusão Social” cumpriu seu propósito de sensibilizar a comunidade acadêmica para os desafios enfrentados por pessoas com deficiência física, promovendo reflexões fundamentadas no Modelo Social da Deficiência e no Aprendizado Experiencial. Os resultados demonstraram impacto positivo na compreensão e nas atitudes dos participantes, indicando que intervenções breves e lúdicas podem gerar mudanças significativas na percepção de barreiras e nas práticas inclusivas.

Recomenda-se que ações desse tipo sejam incorporadas de forma sistemática ao calendário institucional, especialmente em programas de extensão e atividades integradoras. A ampliação do número de participantes, a replicação em outros setores da universidade e o uso de instrumentos avaliativos pré e pós-intervenção podem fortalecer análises futuras de impacto.

Apesar das limitações inerentes ao desenho da atividade, como a amostra reduzida, a experiência contribuiu para fortalecer uma cultura universitária mais acessível e comprometida com os direitos das Pessoas com Deficiência, reafirmando, assim, o papel da extensão universitária como espaço de transformação social e construção coletiva de práticas inclusivas.

### REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União: Seção 1, Brasília, DF, p. 2, 7 jul. 2015.

DINIZ, D. **O que é deficiência.** São Paulo: Brasiliense, 2007.

GARONA, A. B.; FERREIRA, B. I. A. e S. Acessibilidade Atitudinal: obstáculos a serem superados na Educação Profissional e Tecnológica. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 38, n. 1, p. e31/1–18, 2025. DOI: 10.5902/1984686X87293. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1984686X87293>. Acesso em: 01 dez. 2025.

GODDARD, L.; JORDAN, L. Changing attitudes about persons with disabilities: effects of a simulation. **The Journal of Neuroscience Nursing: Journal of the American Association of Neuroscience Nurses**, v. 30, n. 5, p. 307-313, 1998. DOI: 10.1097/01376517-199810000-00006. Disponível em: <https://doi.org/10.1097/01376517-199810000-00006>. Acesso em: 01 dez. 2025.

IBGE. Censo Demográfico 2022: Brasil tem 14,4 milhões de pessoas com deficiência. **Agência de Notícias**, [S. l.], 23 maio 2025. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43463-censo-2022-brasil-tem-14-4-milhoes-de-pessoas-com-deficiencia>. Acesso em: 1 dez. 2025.

KOLB, D. A. **Experiential Learning: Experience as the Source of Learning and Development.** Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1984.

LEDERMAN, L. C. Debriefing: Toward a systematic assessment of learning from simulations. **Simulation & Gaming**, v. 23, n. 2, p. 145-160, 1992.

MARQUES, A. T. S. A Práxis Psicológica e o Enfrentamento ao Capacitismo para a Promoção dos Direitos das Pessoas com Deficiência. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 45, n. spe2, e298614, p. 1-11, 2025. DOI: 10.1590/1982-3703003298614. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003298614> Acesso em: 1 dez. 2025.

MARTINS, E. R. F. et al. Atitudes em Relação às Pessoas com Deficiência: uma Revisão Sistemática da Literatura. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 26, n. 4, p. 573-588, 2020. DOI: 10.1590/1980-54702020v26e0062. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-54702020v26e0062>. Acesso em: 01 dez. 2025.

McKENNEY, A. Attitude Changes Following Participation in Disability Simulation Activities. **Therapeutic Recreation Journal**, v. 52, n. 3, p. 215-236, 2018. DOI:



## Revista Interdisciplinar de Extensão e Cultura Caetana

Universidade Federal do Delta do Parnaíba - UFDPAr  
Pró-Reitoria de Extensão e Cultura - PREX

10.18666/TRJ-2018-V52-I3-8543. Disponível em: <https://doi.org/10.18666/TRJ-2018-V52-I3-8543>. Acesso em: 01 dez. 2025.

OLIVER, M. **The Politics of Disablement**. Londres: Macmillan, 1990.

ROSE, G. **Visual Methodologies: An Introduction to Researching with Visual Materials**. 4. ed. Los Angeles: Sage Publications, 2016.

SCHÖN, D. A. **The Reflective Practitioner: How Professionals Think in Action**. Nova York: Basic Books, 1983.